

# Associar a Imprensa Especializada

Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos

*Um projecto do passado renascido para o futuro. Criar uma infraestrutura responsável pelo desenvolvimento da Imprensa Especializada Portuguesa. Acompanhar a evolução da comunicação social na Europa. Um projecto necessário. Para valorizar e identificar os valores da Imprensa Especializada.*

Quando vemos todos os segmentos da imprensa a organizar-se em infraestruturas de apoio (depois da "imprensa regional" seguiu-se a "imprensa institucional" das empresas) ficamos cada vez mais apreensivos quanto à confirmação na sociedade do valor próprio da "imprensa especializada". Não existe em Portugal quem afirme, coerentemente, que as revistas e jornais técnicos e artísticos são uma realidade importante na evolução da actual civilização tecnológica. Não existe, mas deve existir.

Essa motivação não é nova. Já uma vez, em 1983 (passaram quase dez anos!), fizemos uma tentativa para implementar uma secção da imprensa especializada no seio da AIND (Associação da Imprensa Não-Diária). Mas a ideia não enraizou, por desinteresse dos associados. Houve, porém, quem tivesse aproveitado a oportunidade para tentar impor uma infraestrutura autónoma (denominada APORIMP e subrepticamente subordinada a um pendor espanhol), mas a frustrante iniciativa não passou nos egoísmos mal escondidos e, em breve, tudo se arrumou no esquecimento.

Agora o espectro da competição aguerrida avoluma-se no horizonte. Os temores do encerramento das fronteiras começam a mover os mais afoitos. E a ideia de aglutinar a imprensa especializada numa comissão da AIND reassumiu significado. "Organizemos uma Comissão de Imprensa Especializada".

Em resposta a um primeiro alerta surgiram interessados, juntamente com desinteressantes. As vozes da discórdia reapareceram, sob ímpetos reprimidos durante muito tempo. Mas a nossa toada pacificadora, acima de qualquer intenção que não fosse a de enobrecer o segmento da imprensa especializada, pairou sobre os intranquilos: "Criemos um grupo dinamizador daquilo que queremos ser".

As dificuldades de aglutinação residem em vários factos históricos: falta de profissionalismo na maioria das publicações, longevidade dos responsáveis pelos títulos mais susceptíveis de aderência, ansiedade na resolução das dificuldades individuais, incompreensão do sentido associativista, desconfiança do apoio generoso alheio, diversidade de áreas de actividade. E outras mais, que não vale a pena enumerar, para não aumentar a pena do diagnóstico. "Formemos um conjunto coeso, que mostre a sua existência como parceiro de jornalismo especializado".

Fizemos um estudo da natureza dos títulos publicados em Portugal que se encontram associados na AIND. A sua distribuição por tantos domínios de actividade levou-nos a repartir a globalidade por quatro grupos: tecnologias (35%), economia (25%), artes (17%) e humanidades (23%). Trata-se de um ponto de partida (percentagem de títulos em publicação), indicativo de uma estrutura organizativa que pode (e deve) evoluir.

Com a entrega das actividades vivas da sociedade à iniciativa privada, a Direcção-Geral da Comunicação Social perdeu o objectivo de coordenação e impulsionamento das publicações periódicas no País, e auto-extinguiu-se. Se não existirem organismos privados que promovam essa dinâmica, será certo o atrofamento progressivo de uma parte da nossa cultura. Quem hoje perguntar qual a natureza dos suportes especializados que existem disponíveis para veiculação da informação tecnológica em Portugal, ninguém sabe responder.

Começam a aparecer empresas estrangeiras (sempre este fado!) a inquirir por títulos especializados. A propósito revelamos esta verdade, nunca dita e que merece ser reflectida: sendo a revista ELECTRICIDADE conhecida além-fronteiras, mercê do prestígio que grangeou ao longo de muitos anos de persistente publicação e relacionamento universal, aberto e independente, somos frequentemente interrogados sobre indicações de outros títulos em áreas especializadas. Não nos temos furtado às respectivas respostas, embora os títulos referidos nunca o tenham sabido e apesar de nos grangear com desprezo quando agora lhes pedimos colaboração na criação de uma infraestrutura impessoal, afinal representativa da defesa dos seus próprios interesses.

São incongruências que existem. Temos esperança que venham a desaparecer, pois o tempo se encarregará de instigar o espírito associativo e revelar os benefícios do convívio inter-pares. O diálogo, estabelecido inesperadamente, aporta informações valiosas, que removem dificuldades angustiantes, desde a produção à gestão de uma simples publicação especializada. É no fundo esta vantagem que gostaríamos de distribuir entre todos os títulos especializados em Portugal. ■